

QUEDA DOS JUROS É INSUFICIENTE

VICENTE NUNES,
LUISS OSVALDO GROSSMANN
E MARCELO TOKARSKI
DA EQUIPE DO CORREIO

O grande aquecimento da demanda interna tem forçado as empresas brasileiras a investirem pesado para ampliar a oferta. Os níveis de investimento privado nunca foram tão elevados e as perspectivas para os próximos anos são bastante otimistas. Com o processo da redução da taxa básica de juros (Selic), o acesso ao crédito vem aumentando. Mas esse movimento ainda é insuficiente para alterar um quadro apontado pelos economistas como uma disfunção da economia brasileira. Hoje, 71% das empresas se vêem obrigadas a reverter seus próprios lucros para custear investimentos. No início da década, esse patamar era praticamente idêntico: 70%, de acordo com sondagens realizadas pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

E isso num cenário de taxas decrescentes. O chefe do Departamento Econômico do Banco Central, Altamir Lopes, entusiasma-se ao calcular que os juros médios cobrados das empresas estão em 23,3% ao ano, muito próximos do piso da série do BC, iniciada em junho de 2000. "Não é uma taxa baixa. Mas todos sabem que há muitas companhias tomando financiamentos a juros bem menores, próximos ao CDI (Certificado de Depósito Intercâmbio, título com o qual os bancos negociam dinheiro entre si a juros semelhantes à taxa básica Selic, de 11,25% ao ano)", diz.

Ele acrescenta ainda que, mesmo as pequenas e médias empresas, antes discriminadas pelo sistema financeiro, estão tomando financiamentos para reforçar o capital e ampliar os negócios. Os empréstimos a esse grupo de empresas têm avançado a um ritmo de 32% ao ano, bem acima dos

19% das concessões totais a pessoas jurídicas. "O crédito está estimulando as empresas a se formalizarem e a criarem um histórico de financiamentos junto ao sistema financeiro", destaca.

Custo alto

Ainda assim, um levantamento da Associação Nacional de Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade mostra que as taxas de juros caíram mais para pessoas físicas do que para as jurídicas. Não surpreende, portanto, que os empréstimos para empresas cresçam mais devagar, cerca de 20% em 2007. Além disso, numa comparação de 47 importantes economias industrializadas e em desenvolvimento, mostrou-se que o custo de investir no Brasil é o terceiro maior do mundo. Os custos no país são 30% maiores que os da China e até 118% superiores aos da Coreia do Sul.

Segundo o Banco Mundial, porém, há ainda outro recorde nada favorável. Para a entidade, o país tem o maior spread bancário do planeta — a diferença entre os juros sobre os recursos captados pelos bancos e a taxa cobrada nos empréstimos.

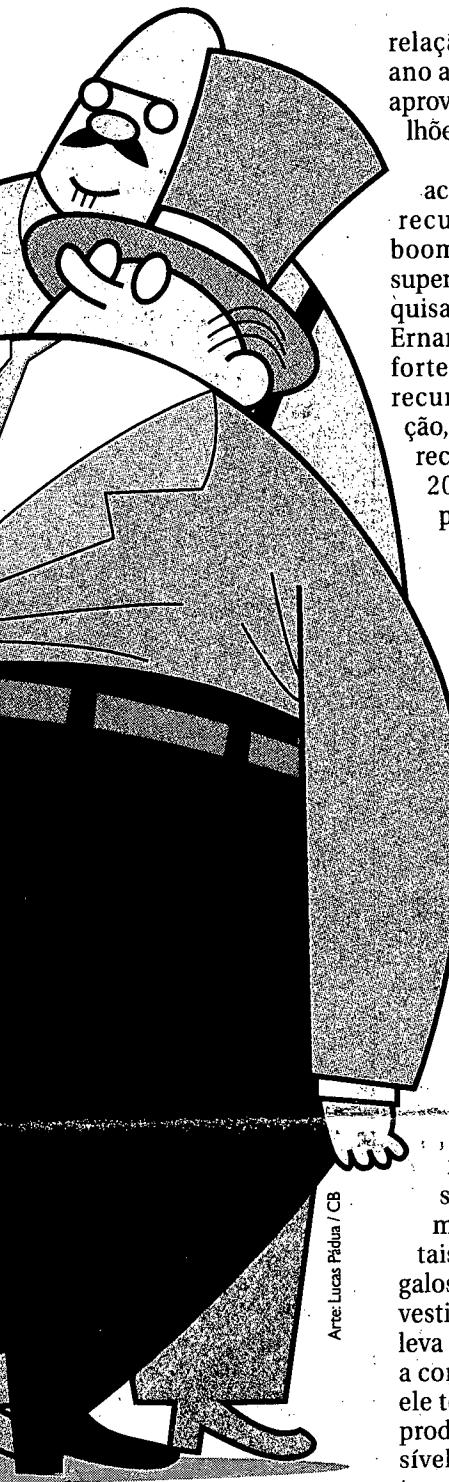
Para o Banco Mundial, "o alto custo da intermediação financeira no Brasil é grande fonte de preocupação". Isso também ajuda a entender por que a participação dos empréstimos às empresas brasileiras é apenas metade da média mundial.

"Melhorou, mas o custo ainda é muito alto. Por isso muitas empresas não se animam a utilizar recursos de terceiros para investir. No Brasil, é mais fácil ter fi-

nanciamento para comprar bens de consumo do que para adquirir máquinas e equipamentos", diz o economista-chefe da Confederação Nacional da Indústria, Flávio Castelo Branco.

Juros amigos

Com juros ainda elevados cobrados pelos bancos privados, o BNDES continua sendo o principal destino na hora de o empresariado passar o pires em



relação ao mesmo período do ano anterior. Os empréstimos aprovados somaram R\$ 88,9 bilhões, alta de 33%.

"Do ponto de vista da aceleração da demanda (por recursos), vivemos o maior boom desde os anos 70", diz o superintendente da área de pesquisas econômicas do BNDES, Ernane Torres. A procura é tão forte que já não sobram mais recursos no caixa da instituição, como ocorria no passado recente. Pelo contrário. Para 2008, deve faltar dinheiro para atender toda a demanda. O BNDES enfrenta um déficit de cerca de R\$ 25 bilhões nas fontes de recursos para os projetos de investimento aprovados para 2008, tanto que já decidiu captar R\$ 2 bilhões em debêntures (títulos) no mercado interno e outros US\$ 2 bilhões deverão vir de organismos financeiros internacionais.

Para o economista-chefe do Banco ABC Brasil, Luís Otávio de Souza Leal, ainda que num ritmo menor comparado ao crédito destinado às pessoas físicas, os financiamentos às empresas, associados ao aquecimento do mercado de capitais, sugerem não existir gargalos para um aumento nos investimentos. "O que realmente leva um empresário a investir é a confiança de que, no futuro, ele terá consumidor para seus produtos. E essa confiança é visível", afirma. "Estamos apostando que o crescimento da economia é para valer, principalmente porque ele está sendo sustentado pelo aumento do emprego e da renda, isto é, pela demanda interna", emenda o presidente da NET Serviços, Francisco Valim.

busca de recursos. Com taxas subsidiadas, o banco viu a procura explodir. Nos 12 meses terminados em novembro, os desembolsos atingiram R\$ 66,7 bilhões, uma expansão de 35% em